**TRAJETÓRIA INTELECTUAL E (DIS)POSIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NO
CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA – ENTREVISTA COM GO TANI**

**INTELLECTUAL TRAJECTORY AND EPISTEMOLOGICAL (DIS)POSITIONS IN THE
FIELD OF PHYSICAL EDUCATION – INTERVIEW WITH GO TANI**

Juliano de Souza¹

¹Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

RESUMO

O material em apreço constitui uma entrevista realizada com o Professor Dr. Go Tani da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) a respeito [1] de sua trajetória intelectual na área de Educação Física; [2] das influências teóricas mais marcantes nesse percurso; e [3] de seus posicionamentos em relação à atividade científica da área. Em outras palavras, a entrevista aqui transcrita revela algumas dinâmicas (dis)posicionais e epistemológicas do campo da EF na visão de um de seus protagonistas teóricos, mais especificamente, na visão de um dos primeiros doutores em EF no país.

Palavras-chave: Go Tani. Trajetória intelectual. Educação Física.

ABSTRACT

The material in question constitutes an interview conducted with Professor Dr. Go Tani of the School of Physical Education and Sport of the University of São Paulo (EEFE-USP) regarding [1] his intellectual trajectory in the area of Physical Education; [2] of the most important theoretical influences in this course; and [3] of its positioning in relation to the scientific activity of the area. In other words, the transcribed interview reveals some (dis)positional and epistemological dynamics of the PE field in the view of one of its theoretical protagonists, specifically, in the vision of one of the first PhD in PE in the country.

Keywords: Go Tani. Intellectual trajectory. Physical Education.

Introdução

No dia 16 de março de 2018 às 14 horas, nas dependências do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, eu e uma equipe de trabalho composta por dois docentes da casa (Professor Ms. Reginaldo Calado de Lima e Professora Dra. Renata Maria Toledo) e cinco alunos do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM-UEL (Caroline Broch, Fabiane Castilho Teixeira, Felipe Canan, Luana Mari Noda e Neidiana Braga da Silva Souza), tivemos a honra de receber o Professor Dr. Go Tani da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) para a realização de uma entrevista versando sobre sua trajetória intelectual na área de Educação Física (EF), bem como sobre o conjunto de suas contribuições e posicionamentos em relação à atividade científica e às ações pedagógicas que, ao menos pelas últimas quatro décadas, têm profundamente marcado e orientado os rumos da profissão no país.

A entrevista teve duração aproximada de 2 horas e 40 minutos, sendo submetida, semanas depois, a um processo rigoroso de transcrição e edição. Aproveito para mencionar e agradecer as contribuições de Verônica Volski Mattes e Neidiana Braga da Silva Souza – integrantes do Observatório de Educação Física e Esporte (OEFE-UEM) – no trabalho inicial de transcrição da entrevista. Quanto à edição do material transcrito, poucos foram os ajustes e supressões, de modo que o teor do texto aqui apresentado à comunidade acadêmica se encontra próximo da íntegra. Já no que se refere ao método que pautou a elaboração do roteiro de entrevista, optei por um estruturado-reflexivo. Nesse sentido, as questões previamente formuladas (e discutidas com o Professor Dr. Carlos Herold Júnior, colega de Departamento a

quem gentilmente agradeço) tiveram como ponto de sustentação teórica o pensar relacional sobre o campo científico tal como proposto no corpo da obra de um autor importante em minha agenda de trabalho, a saber, o sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Em menção, inclusive, ao exercício de reflexividade que pauta este referencial, cabe, de antemão, reconhecer que a motivação e a viabilização da entrevista em apreço, não foram arbitrárias, tratando-se de um convite realizado por minha pessoa ao Professor Go Tani com vistas à somar um material empírico significativo à agenda de investigação que se abre em meu grupo de estudos sobre os desenvolvimentos da teoria da EF no país. Ademais, em um contexto no qual, hipoteticamente falando, os avanços teóricos da EF parecem se encontrar em estágio estacionário tanto no que se refere à discussão de sua estrutura científica – teoria geral – quanto aos direcionamentos teóricos para intervenção – teoria pedagógica –, ouvir aquele que talvez seja o intelectual da área que mais reuniu esforços significativos para pensar a EF nessas duas frentes decisivas, é revelador dos desafios que ainda precisamos enfrentar na hierarquia da ciência e das profissões.

O que segue exposto, nesse sentido, pretende ser uma contribuição ao campo tanto para futuros trabalhos no âmbito da sociologia dos intelectuais e da ciência (primeira parte da entrevista) quanto para os desenvolvimentos da teoria da EF (segunda parte). Em outras palavras, o que aqui se encontra transcrito indaga e revela algumas dinâmicas (dis)posicionais e epistemológicas do campo da EF brasileira na visão de um de seus protagonistas teóricos, mais especificamente, na visão de um dos primeiros doutores em EF no país.

Agradeço ao *Journal of Physical Education* na figura de seu editor-chefe, o Professor Dr. José Luiz Lopes Vieira, por divulgar esse material em seu expediente.

Entrevista

Juliano: *Professor Go Tani, antes de tudo, quero agradecer a oportunidade de dialogar sobre suas ideias. Para dar início à entrevista, gostaria que o senhor discorresse um pouco sobre os primeiros momentos de sua trajetória na EF.*

Go: Primeiro, eu é que agradeço pela oportunidade. É sempre bom termos conversas e discussões em grupo sobre aquilo de que todos gostamos, porque fazemos disso um objeto e objetivo das nossas vidas acadêmicas. Bem, como está aqui descrito, eu concluí a graduação em 1973, numa época em que a EF era um curso de 3 anos. Na verdade, eu ingressei na USP, para começar o curso de licenciatura em 1970, só que fui convocado para o exército e fui fazer o CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Foi o ano mais divertido da minha vida! Comecei o curso, de fato, em 1971 e, por isso, concluí em 1973. Por que fui fazer EF? Existem vários fatores. O primeiro fator, de natureza financeira. Até pensei em fazer aquilo que dentro da comunidade nipo-brasileira é “batata” que aconteça: fazer engenharia ou medicina. Até pensei em engenharia, mas claramente a minha família, em termos financeiros, não tinha condições de me sustentar em um cursinho e sem nenhuma garantia de que eu iria entrar em uma universidade, porque teria que ser necessariamente numa pública. Importante foi que a EF era uma possibilidade, porque era um curso de três anos e eu poderia me formar logo e começar a trabalhar. Além disso, tenho um irmão mais velho que fez EF e a minha família tem toda uma tradição dentro do esporte brasileiro, mesmo porque meu pai foi um dos pioneiros, um dos que trouxeram o judô para o Brasil. E o primeiro atleta olímpico brasileiro no judô (Lhofei Shiozawa, Jogos Olímpicos de Tóquio, 1964) foi aluno do meu pai (Sobei Tani) e eu tive até oportunidade de lutar, brincar, treinar, etc., com ele. Isso foi um segundo fator. Eu diria que as aulas de EF que tive na escola – muita gente fala: “ah eu fui influenciado pelas aulas de EF no Ensino Fundamental e Médio” – não pesaram na minha

decisão, pois se tivesse pesado não teria feito EF. Mesmo porque, apesar de ter sido uma delícia (era fundamentalmente jogar, jogar e jogar), eu não visualizava naquilo uma forma de se ter uma vida profissional. Até cheguei a conversar com o meu Professor de EF sobre algumas coisas, mas, na verdade, não foi fator determinante. Talvez seja interessante abordar algumas passagens sobre a minha entrada na área de EF. Uma coisa está relacionada com aquilo que falamos hoje pela manhã¹. Naquela época a formação profissional consistia, fundamentalmente, do saber executar para poder ensinar e, portanto, o currículo era recheado de disciplinas de natureza prática, especialmente de modalidades esportivas. O mais interessante foi o vestibular. Eu tive prova prática e teórica. A parte teórica foi tranquila, não tive nenhum problema. A parte prática eu já nem lembro de todas as provas, mas uma que me lembro bem e que marcou (não sei por que, mas eu já era crítico em relação a isso) foi a seguinte: nadar 400 metros para poder passar no vestibular. Eu, judoca, nunca tive aula de natação, nunca tive Professor e aprendi a nadar por conta própria, em tanques (pequenos lagos) no meio do mato. Eu até os 19 anos fui lavrador, puxei enxada e, inclusive, trabalhei na feira desde aproximadamente os 6 anos de idade. Então, para mim foi o maior desafio nadar 400 metros. Até já escrevi sobre isso. Eu só me lembro que os primeiros 50 metros nadei na horizontal, o restante (350 metros) foi na vertical. Dei golpes de judô a vontade dentro d'água para terminar, na base do pulmão. Por que eu conto essa história? Eu achava um absurdo ter que nadar 400 metros, isso não estava claro para mim, tinha alguma coisa que dizia: “isso vai dar no quê?”. Claro que, se você tem que nadar 400 metros para ser aprovado em alguma coisa, não está sendo avaliada a sua capacidade de nadar, se você sabe ou não nadar. Você está sendo avaliado na sua condição cardiorrespiratória. Por que se alguém quer saber se eu sei nadar ou não, basta me observar nadando 5 metros. Se em 5 metros ele não souber avaliar, o incompetente é o avaliador. E o mais inusitado de tudo isso é que no dia seguinte eu tinha que fazer a prova de Cooper. E o que que eu fui avaliado na prova Cooper? A mesma coisa que fui avaliado na prova de natação do dia anterior: minha capacidade aeróbia. Veja a EF como é que era naquela época! Essa história de você ter que saber executar para poder ensinar – que muita gente ainda tem saudades e fica querendo discutir isso na EF brasileira no século XXI (que nós temos que ter mais disciplinas práticas para os alunos vivenciarem atividades físicas, etc.). Olha, eu sou absolutamente a favor que a pessoa faça isso. Vocês têm um centro de práticas esportivas aqui na universidade? Não tem um Centro Olímpico, onde todos os universitários vão fazer a prática? Se o aluno de EF acha que isso é importante que vá lá e faça! Mas, não queira introduzir isso em um currículo de Formação Superior! Imagine, por exemplo, o judô. Você tem um semestre de judô, duas aulas por semana de 50 minutos. O que você aprende em relação a capacidade de executar? Se aprender a fazer bem o *ukemi* (queda) já é grande coisa. Se você fizer aula todos os dias talvez consiga sair da faixa branca e passar a faixa azul. Para que serve isso? Portanto, quando eu entrei na EF, o meu curso de preparação profissional era eminentemente prático e eu já era muito crítico. Fui um aluno muito “cri-cri”, era muito exigente com os outros e comigo também. Eu namorava a atual esposa (completamos 40 anos de casados nesse ano). Ela fazia Administração de Empresas na USP e o convívio com os amigos dela na minha vida universitária me permitiu perceber que eles discutiam o Brasil, os fundamentos econômicos, a cultura... E na EF se discutia futebol, mulher... E isso foi acumulando e eu comecei a pensar que curso estava fazendo. Começou a crescer a dúvida: será que a EF pode me propiciar uma vida digna? Porque eu não precisava estudar quase nada para passar naquelas provas das disciplinas teóricas. A parte prática, para mim, era “lavada”, porque eu fui sempre meio “Bombril” no esporte. Por exemplo, eu jogava

¹ Menção à palestra “Preparação profissional em Educação Física: desafios e perspectivas”, realizada em 16 de março de 2018 para os estudantes dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em EF da Universidade Estadual de Maringá.

futebol (era da seleção da USP), joguei voleibol em um clube japonês, pratiquei basquetebol na ACM – Associação Cristã de Moços – e tinha muita facilidade na parte motora em geral. Aliás, eu era sempre o modelo das aulas de ginástica com o Professor Boaventura. Qualquer movimento de ginástica que ele queria ensinar, aquele que demonstrava primeiro era eu, porque tinha facilidade com essas coisas. Então eu pensava: “caramba, será que pode ser assim mesmo?”. Mesmo sem estudar muito, de acordo com os registros da USP, eu fui o primeiro aluno da turma. A minha vida de atleta interrompeu-se muito precocemente, porque tive luxação de ombro crônica. Da terceira luxação em diante, eu colocava o braço no lugar por conta própria. Eu era visto como alguém com muito futuro no judô, mas a minha vida atlética não pôde continuar. Nunca gostei de praticar judô, eu fugia dos treinos para jogar futebol, apesar de ter sido faixa preta com 16 anos, ganhado vários campeonatos. Assim me formei: insatisfeito, com uma incerteza enorme sobre a profissão e se eu ia conseguir ter vida digna com isso. Depois de formado, o que eu faço? O que se oferecia naquela época eram cursos de especialização, mas em forma de curso técnico-esportivo. Portanto, não tinham características acadêmicas. Eram um *lato sensu*, mas entre aspas. Obviamente, fui fazer o curso técnico em judô. Só que, sinceramente, com todo respeito que meu Professor de judô mereça, eu sabia mais do que ele. Mas era o que tinha naquela época e eu fui fazer porque era um título e eu precisava, além de ser uma maneira de estar mantendo contato com a faculdade e continuar estudando. Foi nessa época que eu tive um “arranca rabo” com esse Professor de judô, porque eu estudei sobre Fisiologia (naquela época só tinha Fisiologia, praticamente, em termos de conhecimento acadêmico) e quando ele fez algumas afirmações sobre judô (aeróbico/anaeróbico e tal), eu discordei e o Professor ficou furioso. Só que eu tinha ido conversar primeiro com o Professor Valdir Barbanti, que era do Atletismo e estudava Fisiologia, e perguntei as coisas para ele. Então fui para aula (o que eu sugiro para os alunos hoje era o que eu fazia) e questionei o Professor, que achou ruim “pra caramba”, mas aquilo tudo foi resolvido. Aí aconteceu a grande transformação na minha vida. Claro que, em sendo descendente de japoneses – eu sou da segunda geração, ou seja, os meus pais foram imigrantes japoneses – tinha curiosidades de estudar sobre as minhas raízes, de onde eles vieram, etc. Como sou filho caçula de oito irmãos, dos quais os dois primeiros morreram por causa da Segunda Guerra Mundial, eu era o que pior entendia o japonês. Quando falava com os pais, misturava japonês com português, mas praticamente falava só em português. Os meus irmãos mais velhos todos falavam japonês, começaram estudando japonês e depois o português. Meu pai era muito idealista e queria contribuir com a comunidade japonesa por meio do judô. Foi Professor de judô e de língua japonesa. Ele tinha perfil diferenciado em meio aos imigrantes. Meu pai veio para o Brasil em 1931 com Ensino Superior concluído na Universidade de Keio em Economia e tinha um nível cultural bem diferenciado, comparativamente aos imigrantes que vieram para o Brasil. Era filho de uma família riquíssima. Por exemplo, o *hobby* dele era caçar marrecos, jogar tênis e já tinha moto naquela época. Minha mãe também tinha uma formação educacional diferenciada para a época. Ela veio, em 1925, com o Segundo Grau concluído, e naquela época mulher nem tinha acesso a muito estudo. Isso obviamente me influenciou bastante; com eles tinha pouco diálogo sobre o Japão (até mesmo porque nem sabia fazer as perguntas), mas tinha curiosidade. Um belo dia, final de 1974, um dos irmãos meus, que trabalhava numa empresa japonesa e tinha contato com a cultura japonesa por causa disso, trouxe um jornal publicado em São Paulo que era para a comunidade japonesa (tinha uma parte em japonês e outra em português). Então ele disse: “olha, você que quer continuar estudando, tem no jornal uma nota do Consulado Geral Japonês, dizendo que tem uma bolsa de estudos no Japão”. Eu olhei e falei: “caramba, bolsa de estudos no Japão”. Só que era bolsa de estudos aberta para todas as áreas de conhecimento. Portanto, se eu fosse disputar iria competir com candidatos de todas as áreas, inclusive com o

pessoal de Letras que estudava japonês. Mas, em todo caso, falei: “vou arriscar, o máximo que posso levar é um não”. Exigia-se um projeto de pesquisa, currículo (e aquelas papeladas todas) e tudo o que eu poderia escrever era tentar associar o judô com aquilo que estava na moda em termos acadêmicos naquela época, que era a Fisiologia do Exercício, especialmente com a vinda do Cooper ao país para falar de capacidade aeróbica e tal. Então eu fiz um projeto de pesquisa, mais uma intenção de estudo, uma “merrequinha” de projeto, mas escrevendo tudo que conseguia escrever. Encurtando a história: não é que eu fui aprovado?

Juliano: *Mais especificamente para quê?*

Go: Para um estágio de pesquisa. A bolsa era de um ano e meio, só que existia uma cláusula que dizia que, se você entrasse na Pós-graduação, a bolsa seria automaticamente prorrogada para mestrado ou doutorado. Eu me lembro que eram 126 candidatos para 7 vagas no Brasil inteiro e em todas as áreas do conhecimento. E eu me perguntava: “por que me deram essa bolsa?”. Talvez porque até então só um da Educação Física tinha ido, o Professor Hélio Fuki de Santa Maria. Talvez, pelo fato de o meu pai ser muito conhecido na comunidade japonesa, inclusive no consulado, por causa de todo seu envolvimento altruísta, idealizador, etc.; ou sei lá, porque meu projeto tinha alguma coisa de novidade; o judô até então era só prática e eu estava tentando levar a Fisiologia do Exercício a ele.

Juliano: *Em que ano mesmo foi isso Professor?*

Go: O concurso foi em 1974. Em outubro de 1975 eu embarcava para o Japão, para um período de um ano e meio de pesquisa, com “uma mão na frente e outra atrás”. Essa bolsa versava o seguinte: “caso você não dominasse a língua japonesa teria que fazer um curso intensivo de 6 meses na Universidade de Osaka para Estudos Estrangeiros, e depois seria mandado para a Universidade onde desenvolveria seu projeto”. Passei 6 meses em Osaka só estudando japonês. Em tempo de dedicação, foi a fase da vida em que mais estudei (aproximadamente 14 horas por dia), porque eu sabia que se o meu japonês não chegasse a um certo nível seria melhor ir embora porque não ia acontecer nada. Então fui aprovado no curso e fui mandado para a Universidade de Hiroshima.

Juliano: *Depois de seis meses, o senhor foi para lá então?*

Go: Isso, depois de seis meses, em abril de 1976, eu saí de Osaka e fui para a Universidade de Hiroshima, para ficar mais um ano lá e completar um ano e meio de estudos. Teoricamente, eu ficaria até abril de 1977. Chegando à Universidade de Hiroshima, havia um Professor que trabalhava com judô e pesquisava Fisiologia do Exercício ao mesmo tempo. Fui muito bem recebido. Fui morar num dormitório para estudantes estrangeiros, tinha estudantes de mais ou menos 30 países do mundo inteiro, especialmente do sudeste asiático: Indonésia, Filipinas, Tailândia, Vietnã, Taiwan. Passei um ano investigando o consumo máximo de oxigênio em judocas, só que avaliando o consumo não na esteira, mas durante a luta (*randori*) e essa era a novidade desse Professor. Era a linha dele e eu entrei de “gaiato”, coletando gases durante a luta no *Douglas Bag*, acompanhando os caras lutando. Depois pegava o gás com a seringa e ficava analisando quanto de oxigênio, quanto de nitrogênio, etc., no analisador de gás chamado Micro Scholander. O que aconteceu foi que deste estudo resultou os dois primeiros artigos que eu publiquei, juntamente com o meu orientador. Foi aí que aconteceu a segunda grande virada na minha vida. A primeira foi eu ter conseguido a bolsa. Nesse Departamento onde eu fui realizar o estágio de pesquisa não tinha curso de mestrado, porque era um

Departamento que dava a disciplina de EF para todos os estudantes da universidade. No Japão é assim: independente da área em que você vai se especializar, os primeiros dois anos são cursos básicos. A Faculdade em que o Departamento pertencia era responsável por esse curso básico e dentro tinha a EF. Um belo dia, um outro Professor (não o orientador) me fez um convite: “venha tomar um chá comigo”. Quando um japonês convida para tomar chá é para bater um papo. Aceitando o convite, fui ao gabinete dele e tomei o maior susto quando entrei. Era uma sala grande, comprida, só tinha estantes (parede inteira “de cabo a rabo”) recheada de livros. Numa mesa central tinha alguns equipamentos e a mesa dele, lá no fundo. Eu dei uma olhada rápida nas estantes (o Professor não tinha chegado ainda) e notei que não tinha um livro sequer de esporte. Era livro sobre Teoria de Sistemas, Cibernética, tudo que não conhecia. E eu falei “caramba, onde eu fui me meter”? Até então era só livro de judô, Fisiologia do Exercício, Cooper, etc. Encurtando a história, esse Professor (Koji Choshi) me disse o seguinte: “olha, eu queria conversar contigo porque tenho interesse em conhecer melhor São Paulo; tenho um parente que mora lá”. Conversa vai, conversa vem e ele me pergunta: “o que você veio estudar aqui?”. Eu: “judô e Fisiologia do Exercício”. Veja que interessante: nesse um ano em que estava estudando Fisiologia do Exercício aplicada ao judô, eu alimentava a certeza de que não era aquilo que respondia a pergunta que eu tinha sobre o judô. Não tinha muito conteúdo acadêmico nessa minha pergunta, mas algo me dizia que não era por aí. Isso tem a ver com a minha vida atlética, especialmente a luta com Lhofei Shiozawa. Tive a felicidade de lutar e treinar com um atleta olímpico que tinha mais ou menos dez anos a mais de idade, na academia do meu pai.

Juliano: *Em que medida, então, essas experiências formativas vivenciadas foram importantes para aquilo que o senhor tem feito e pensado na EF?*

Go: Então, a primeira relação foi judô-Fisiologia do Exercício (era inevitável), mas depois começou a crescer em mim a dúvida: não é por aí, para mim judô não é isso. Não é através do consumo máximo de oxigênio, com mais gás, com mais capacidade aeróbica que o cara vai ser melhor em judô, etc. E isso remontava à minha experiência prática com Lhofei Shiozawa. Era uma delícia lutar com ele. Você não parava em pé. Quando você era derrubado por ele não sentia nada, não doía nada e quando eu treinava com os meus irmãos, por exemplo, era tudo dolorido. Eu via diferença nisso. Fui descobrir que ele era bom porque ele tinha habilidade motora, ele tinha técnica, não era força. Ele tinha *timing*. Ele te derrubava porque te colocava em uma situação de desequilíbrio de modo que qualquer coisa que ele fizesse você caía; os outros te derrubavam na base da força. Essa descoberta se deu porque depois de uma longa conversa, com muitos chás, o Professor Choshi me ofereceu um livro que ele tinha escrito que se chamava “*Psicologia do Timing*” e seu conteúdo era Aprendizagem Motora. Quando eu comecei a ler esse livro – tinha dificuldades ainda com o japonês acadêmico – falei: “é isso; aqui tem a resposta para a pergunta que eu tenho sobre o judô, que judô não é força, mas técnica, habilidade, *timing* (porque envolve processamento de informações, tomada de decisão, elaboração de programa de ação, execução, *feedback*, antecipação)”. Estava tudo escrito nesse livro. Eu disse: “nossa senhora, consegui descobrir aquilo que, sem eu saber de nada, estava correndo atrás”. Não parei mais de visitar a sala desse Professor. Bom, coincidências da vida, o Professor Choshi perguntou o que eu queria fazer no futuro. Eu falei: “olha, eu queria continuar estudando no Japão, eu queria entrar na Pós-graduação”. Então, esse um ano que eu fiz de pesquisa lá, me serviu como a complementação da graduação sob o ponto de vista legal, porque no Japão não se aceita, para ingressar no mestrado, alguém que tenha feito a faculdade de três anos. Como não tinha curso de preparação profissional nem Pós-graduação no Departamento em que estava, tinha que fazer mestrado na Faculdade de

Educação (eu estava na Faculdade Integrada de Ciências e Artes) que ficava num campus avançado da Universidade em Fukuyama. Lá tinha curso de graduação em EF e também mestrado. Quando eu disse que queria continuar estudando (pela primeira vez estava vivenciando a vida acadêmica, cultural, investigação, essas coisas) é porque estava satisfeitíssimo com a vida que estava levando. Mas, uma das condições para continuar estudando era passar no exame de mestrado e arrumar um orientador lá em Fukuyama que me aceitasse. Quando o Professor Choshi ficou sabendo disso, ele disse: “olha, vou te colocar em contato com o coordenador de Pós-graduação lá de Fukuyama”, que acabou sendo o meu orientador de mestrado (Hitoshi Hagiwara). Não por coincidência, esses dois Professores tinham publicado artigos e livros juntos. O Professor Hagiwara era médico, que desistiu da carreira e foi fazer carreira acadêmica. Estudava Fisiologia (muito mais Neurofisiologia do que Fisiologia), ou seja, ele tinha um laboratório onde fazia estudo eletroencefalográfico da aprendizagem motora. Fiz o exame e passei. Saí de Hiroshima e fui pra Fukuyama ficar mais dois anos. Lá no Japão o mestrado tem que ser feito em 2 e o doutorado em 3 anos (não tem conversa). Quando estava terminando o mestrado, tive uma conversa com o Professor Hagiwara e falei assim: “olha Professor, eu queria continuar no doutorado”. Só que em EF só tinha até o mestrado, não tinha doutorado, de modo que se quisesse fazer o doutorado tinha que voltar para Hiroshima, de novo para a Faculdade de Educação e ir para a área de Ensino de Ciências, onde tinha doutorado. No mestrado, quando fui investigar a habilidade motora em relação ao judô, fiquei um ano só matutando, pensando o que eu ia investigar, e o tempo correndo. Um belo dia eu falei assim ao meu orientador: “olha Professor, no judô o segredo do golpe está numa coisa chamada *kuzushi* (desequilíbrio); no entanto, o ensino do golpe começa por meio do *uchikomi*, que é repetição de golpes parado; só que na luta o adversário está em constante movimento”. Ou seja, estava aplicando o conhecimento sobre habilidade motora aberta e fechada ao judô. Aí eu falei que queria mexer com um dos pilares do ensino do judô, que é o ensino por meio do *uchikomi*, dizendo que aquilo ecologicamente não tem validade nenhuma; mesma coisa que você trocar passes parado, com a parede, e depois ir para o jogo, onde o companheiro está em movimento, o adversário marcando e tal. Para deixar claro o meu problema de estudo, fiz uma análise de todas as possibilidades de *kuzushi* no judô (puxa, empurra, desloca, aproveita a força do adversário, etc.). Fiz esse mapeamento. Tinha lido um livro muito interessante sobre controle proprioceptivo do movimento e eu falei para o Professor: “eu acho que no judô a informação visual não serve para grande coisa, a fonte de informação mais relevante é a cinestésica; porque no judô você tem contato, você segura no quimono e a informação entra por via cinestésica e é processada muito mais rapidamente que a visual; portanto, eu tenho que estar monitorando, processando essas informações, preparando a possibilidade de fazer o golpe, começando pelo *kuzushi*”. Pensei em vários testes proprioceptivos, para avaliar a competência do judoca em processar a informação cinestésica. Eu entreguei o projeto para o Professor Hagiwara e uma semana depois conversamos. Ele disse: “eu acho sua ideia interessante, só que para eu viabilizar isso que você quer fazer tenho que montar um laboratório novo aqui; não tenho disponibilidade financeira para tal”. Eu entrei em parafuso. Se isso não é viável, o que eu faço para terminar o mestrado? Foi quando eu fiz a minha primeira colonoscopia e endoscopia, porque o sistema digestivo entrou em “colapso”. Vocês que me ouvem, todas as dores que sentem agora, quando defenderem o doutorado sara viu? Nunca entrei em depressão, porque acho que não sou do tipo que entra em depressão, mas motivos não me faltaram. O Professor Hagiwara, médico que era (me levou para fazer os exames), já sabia, independente do resultado, onde estava a cura: terminar o mestrado. Um belo dia, o Professor me chamou para uma conversa e disse: “olha, pelo que eu conheço do Brasil, quando você voltar não vai ter condições de ficar fazendo estritamente aquilo que você vai fazer aqui no Japão; chegando lá você vai encontrar

outra realidade, você não vai ter dinheiro para montar laboratório, primeiro você vai ter que arrumar emprego, etc.”. Colocou tudo o que envolve tentar ser pesquisador no terceiro mundo. Ele me deu uma sugestão (sabia do meu *background* científico, da minha formação na graduação “zero à esquerda”) e me falou: “quando voltar para o Brasil você vai ser solicitado para falar/atuar em várias frentes, que não necessariamente projetos de pesquisa que você gostaria de desenvolver; por que você não fortalece o seu pano de fundo teórico, para estudar não só a aprendizagem motora, mas a Educação, a EF, que te possibilitará usar isso em várias situações, inclusive na pesquisa?”. Eu tive que concordar, não é? Esse foi o início do meu pesadelo. Alguns dias depois ele me traz uma lista: “lembra daquela conversa que a gente teve de você preparar o pano de fundo? Eu penso que essa lista de livros vai te ajudar”. Era uma lista de mais ou menos 120 livros, não tinha um de EF ou de esporte. Só teoria de sistemas, cibernética, teoria de jogos, filosofia da ciência, epistemologia, etc. (tudo em japonês). Quando vi aquilo pensei: “agora estou roubado”. Ele falou assim: “olha, você não precisa fazer pesquisa experimental no mestrado, mas mostre de uma forma clara esse pano de fundo através do qual você está olhando a aprendizagem motora; se isso te levar a um problema de investigação faça isso no doutorado”. Foi o que aconteceu. Terminei o meu mestrado e o título da dissertação foi “Comportamento motor humano: uma abordagem sistêmica”, escrito em japonês. Apanhei pra caramba e olha a coincidência: essa lista de livros (mais ou menos 120) era aquela que estava na estante do Professor Choshi que vi e levei susto. Mas vejam bem, tudo o que eu falo, escrevo e penso hoje sobre EF, universidade, educação, Pós-graduação, preparação profissional, etc., tem como pano de fundo essa visão sistêmica.

Juliano: *E o senhor atribui essa visão às suas experiências no Japão?*

Go: Isso. Fui treinado, criticado, questionado para incorporar essa visão sistêmica. É esse olhar que uso para tudo, até para minha vida pessoal, na minha relação com os filhos, esposa, etc. Durante o mestrado tomei conhecimento de que, entre os livros que os Professores Hagiwara e Choshi tinham escrito juntos, havia um sobre a abordagem sistêmica do movimento humano. Ou seja, na verdade, eu estava (ao ler os livros todos) entrando no universo da linha de pesquisa ou da escola de pensamento do próprio laboratório. Só que o Professor Hagiwara fez isso indiretamente. Em vez de falar: “vem aqui, estude o que nós escrevemos” ele sugeriu: “você vai ter necessidade disso tudo (120 livros!), procure saber”. E o ponto de convergência foi exatamente o mesmo. Terminei o mestrado com um problema de investigação pronto, mas sem fazer a testagem empírica ainda, o que era um processo natural na aprendizagem motora. Ou seja, vendo a aprendizagem motora de acordo com as proposições da teoria de sistemas, as teorias vigentes pecavam na questão central, isto é, explicavam a aprendizagem até certo ponto; a partir daí não explicavam mais, porque era um modelo de equilíbrio, de estabilização e sabemos que, se não houver quebra de estabilização, você não avança. Teria que ir além daquilo que já estava nos livros por eles escritos. Então eu voltei para fazer o doutorado na Faculdade de Educação em Hiroshima. Algumas questões de foro pessoal. Quando fui ao Japão já namorava há quatro anos (atual esposa). Nove meses após a minha chegada, ela também conseguiu uma bolsa de estudos e foi para o Japão (também para Hiroshima). Depois de concluir o estágio, ela estava se preparando para fazer o mestrado no Departamento de Engenharia Humana. Mas o doutorado dá uma fertilidade impressionante! Ela engravidou! Então, quando eu voltei a Hiroshima para fazer o doutorado, a minha esposa estava grávida de sétimo mês. Quando comecei o doutorado, o nosso filho nasceu, só que prematuro, de sete meses. O primeiro diagnóstico era de que ele tinha probabilidade de sobrevivência de 20 por cento. Imagina eu começando o doutorado e ouvir que o filho teria essa probabilidade de sobrevivência. O médico disse: “se ele sobreviver esta

noite, amanhã ele vai ter 40 por cento”. Mais: “se eu te telefonar hoje à noite é porque infelizmente não deu; se eu não telefonar venha aqui amanhã de manhã para ver o bebê”. O telefone não tocou. No dia seguinte, fui para o hospital e o Fernando (o nome dele) estava na incubadora. O médico falou: “40 por cento e pode ser que amanhã seja 60 por cento”. No quarto dia, o médico responsável por toda a pediatria, médico experiente, veio conversar comigo. Já sabia que eu era estudante estrangeiro, foi uma conversa curta. Ao final ele disse o seguinte: “seu filho nasceu com 2 quilos e 90 gramas, hoje está com 1990, realmente emagreceu”. Pensei: “Ih, ele vai falar que vai ter sequelas”. Em seguida ele me falou: “eu queria dizer pra você que, se nesse hospital e no setor onde sou responsável, não se conseguir fazer com que uma criança que nasce com 2090 gramas sobreviva e cresça de forma sadia será uma vergonha para a medicina japonesa”. Fiquei tranquilo, voltei para casa e juntos comemoramos. E veja como é que são as coisas: o Fernando só sobreviveu porque foi atendido naquele hospital em que havia uma incubadora de última geração, com uma tecnologia altamente sofisticada que fazia monitoramento *online* do nível de oxigênio. Isto em 1979. Assim começou o meu doutorado. Eu fui fazer doutorado no Ensino de Ciências visto que não tinha doutorado em EF. Tive que participar das reuniões científicas do laboratório de Ensino de Ciências. Sabe o que me ajudou? Aquela lista de livros que era sobre ciência. No segundo ano de doutorado, eu já praticamente liderava dentro do laboratório várias discussões, porque tinha tido acesso a essa literatura e os outros, próprios do Ensino de Ciências, ainda não. Foi divertido. Eu dividia meu tempo entre esse laboratório e o laboratório do Professor Choshi. Em 1982, defendi a tese intitulada “*Adaptive process in perceptual-motor skill learning*” (em japonês). Voltamos ao Brasil em abril de 1982. Fui sozinho e voltei em três, desempregado. Claro que eu tomei algumas providências. O meu prazo para defender o doutorado era abril de 1982, mas antes do Natal de 1981 eu entreguei a minha tese, exatamente para eu ter mais uns três meses só para me preparar para o exame (defesa). Lá o exame é diferente: primeiro você passa por uma banca de três Professores (não é pública) que vão te “descascar”. Depois que você defende perante esses três, tem que defender na própria Faculdade. Isso me deu um certo medo, porque iria defender a tese na Faculdade de Educação, na frente de mais ou menos uns 30 Professores catedráticos, de todas as áreas da Educação. Mas eu estava bem preparado e foi interessante. Nesse intervalo de tempo entre a entrega da tese e a defesa (de dezembro a começo de abril) mandei uma carta para a EEFÉ-USP perguntando se havia interesse em um pesquisador que está concluindo o doutorado com uma tese sobre aprendizagem motora. Até errei o nome do diretor. Pensava que era o Professor Moacyr Daiuto e era o Professor Jarbas Gonçalves. No dia em que desembarquei em Congonhas, num sábado, o Professor Daiuto estava à minha espera e me disse: “quero te ver na EEFÉ-USP na segunda-feira”. Estava começando a Pós-graduação no Brasil e a EEFÉ-USP estava à busca de pessoas que tivessem doutorado em EF, especialmente no exterior. Tínhamos apenas quatro naquela época: Ana Maria Pellegrini, Alfredo Gomes de Faria Júnior, Manoel Gomes Tubino e José Guilmar Mariz de Oliveira. Se não me engano, fui o quinto. Na segunda-feira, bem cedinho estava lá e olhe a grande surpresa: “temos o máximo interesse em tê-lo aqui na USP, nós temos todo o histórico seu, escolar, etc., nós estamos começando a Pós-graduação e vamos fazer todo o possível para você ingressar via concurso nessa instituição”. E já me disseram: “pode ocupar a sala X, venha a partir de amanhã e ocupe a sala X”. Comecei a trabalhar na EEFÉ-USP em agosto de 1982. Entrei pela porta da frente, mediante concurso e sem nenhum “padrinho”. Isso me deu vantagens e desvantagens (tive que me virar sozinho). Comprei uma briga enorme logo de cara porque muitos continuavam a defender a preparação profissional em EF com base no “saber executar para poder ensinar”, apesar de já ter Pós-graduação. Assim, começa minha carreira acadêmica na EEFÉ-USP.

Juliano: *Professor, até aqui o senhor fez uma série de considerações, de fundo contextual, rememorando aspectos de sua trajetória no campo acadêmico japonês, sobretudo na área de Educação. Em seguida, apontou algumas diferenças substanciais sobre essas duas estruturas sociais: um país de terceiro mundo e outro de primeiro. Em continuidade, trouxe elementos sobre a centralidade dessas experiências em sua trajetória intelectual e construção de sua obra. Gostaria agora que o senhor discorresse sobre as influências teóricas mais marcantes nesse percurso. Há pouco, o senhor mencionou seu contato com a Teoria Sistêmica, além de se reportar à influência de uma vasta literatura que obteve com o Professor Choshi, o seu orientador. Em certa medida, o que o senhor vem nos contando confronta com a associação que muitos fazem de sua produção à estrutura da Kinesiology norte-americana. Como o senhor tensionaria esses fatos?*

Go: Primeiro, o fato de ter sido orientado para ler sobre Teoria Geral dos Sistemas que é uma teoria que surge exatamente para fazer um contraponto a essa ciência fragmentária, de natureza analítica, diferenciada por áreas cada vez mais específicas, essas coisas. A Teoria Geral de Sistemas busca em todas as áreas isomorfismos, vamos assim dizer. Isso me ajudou muito a ver a universidade, as áreas de conhecimento, etc. Talvez seja interessante eu colocar que no Japão, a EF é normalmente um Departamento dentro da Faculdade de Educação. A Faculdade de Educação (e o Japão dá muito valor a isto) é como se fosse um grande guarda-chuva. Dentro dessa Faculdade tem o Departamento de Psicologia, de Sociologia e também o Departamento de Ensino de Ciências, de EF, etc. Por isso que eu, ao fazer o doutorado em EF no Japão, o fiz dentro desse guarda-chuva, que não se confunde com a Educação mais restrita no Brasil. Esse é o primeiro ponto. Portanto, na minha formação eu tive contato com as teorias clássicas da Educação, Filosofia, Sociologia, Filosofia da Educação, etc. E a minha entrada com a EF dentro desse contexto não foi via conhecimento específico da EF, mas mediante a construção do pano de fundo que ao mesmo tempo em que me permitia ver o Comportamento Motor/Aprendizagem Motora, me permitia ver também a educação, a universidade, etc. E aí, nessa pergunta que você me faz, acontece o seguinte: como fiz pesquisa em Aprendizagem Motora dentro do contexto da Educação, obviamente, quando eu voltei ao Brasil, tinha duas preocupações em relação à Aprendizagem Motora: a investigação dos processos e mecanismos subjacentes, mas sempre tendo na mente que o conhecimento produzido tem que servir para alguma coisa na intervenção. E por isso que elaboramos a Abordagem Desenvolvimentistaⁱⁱ. Porque eu poderia tranquilamente ficar só na Aprendizagem Motora, realizando pesquisa básica, como se fosse na Psicologia Experimental. Mas, como eu tinha esse *background* de formação lá no Japão, eu sempre tive a intenção de que esse conhecimento da Aprendizagem Motora esteja vinculado com intervenção profissional em EF. E a área de intervenção que eu escolhi foi a EF Escolar. Não quis aplicar esse conhecimento ao treinamento de alto nível desportivo, de alto rendimento ou na reabilitação motora. Hoje, muita gente da Aprendizagem Motora vai para reabilitação, tanto é que na Fisioterapia tem Aprendizagem Motora atualmente. Hoje tenho três grandes interesses acadêmicos. Hoje não, eu tive isso ao longo da minha carreira: Aprendizagem Motora/Comportamento Motor, EF Escolar e as Bases Epistemológicas da EF. Claro que quando o Professor Hagiwara me disse: “você quando voltar para o Brasil vai ter que estruturar o laboratório, montar grupo de estudos, mas vai provavelmente ser chefe de Departamento, diretor de escola, etc.”, ele já estava sinalizando alguma coisa dizendo: “olha, se você não tiver uma visão do que seja a EF, isso vai ser um fator complicador”. Uma outra

ⁱⁱ Tani G. *et al.* Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU; 1988.

coincidência: na Universidade de Hiroshima, a EF estava distribuída em três locais diferentes: a que estava dentro da área de Ensino de Disciplinas Curriculares, outra na área de Educação Escolar e a terceira na área de Estudos do Desenvolvimento Infantil. Aí a Reitoria da Universidade disse: “está na hora de botar tudo isso num lugar só, está muito dividido e enquanto estrutura universitária isso não nos interessa”. Quem é que a Reitoria indica para elaborar uma proposta de estruturar essa unidade independente, autônoma de EF dentro da Universidade, saindo do guarda-chuva da Educação? Professor Choshi. E por que a Universidade de Hiroshima fez isso? Porque em Tóquio havia a Universidade de Educação de Tóquio que rivalizava com a Educação da Universidade de Hiroshima e ela foi reestruturada sendo transformada no embrião da hoje Universidade de Tsukuba, uma enorme estrutura em que existe a Faculdade de Educação Física/Ciências do Esporte. No Japão quando se falava em Educação era a Universidade de Educação de Tóquio a leste e a Universidade de Hiroshima a oeste. Com uma grande diferença: na Universidade de Educação de Tóquio, o paradigma era mais conservador, politicamente falando, mais de direita; em Hiroshima a Educação era mais progressista, de esquerda. Tinha um forte viés marxista. Aliás, um dos melhores amigos que eu fiz lá no Japão, e foi no mestrado, era um marxista que tinha feito a graduação na Universidade de Educação de Tóquio e tinha vindo fazer o mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima com o Professor Hagiwara, também meu orientador de mestrado, que era marxista convicto. Então a discussão que eu tive com eles sobre marxismo, foi tanto como uma corrente clássica de pensamento como também de teoria econômica, social e educacional. Quando cheguei ao Brasil e comecei a ver pessoas mais gritando palavras de ordem do que discutindo sobre essas questões, eu pensei: “espera aí, tem alguma coisa errada; lá no Japão não era nada disso que acontecia... os marxistas estavam discutindo outras coisas”. Voltando à pergunta, de onde vem então essa minha inserção nas discussões da Cinesiologia e das bases epistemológicas da EF? O Professor que foi indicado para coordenar o projeto de criar a Faculdade de EF, foi o Professor Choshi. Ele era visto como uma pessoa completamente fora do padrão na EF. Ele era convidado para dar palestras, conferências em todas as áreas do conhecimento. Exatamente porque tinha essa leitura ampla sobre ciência e universidade. Ele fazia pesquisa em Aprendizagem Motora, mas tinha profunda inserção na literatura sobre Ciência, Epistemologia, universidade, essas coisas todas. E então ele foi encarregado de coordenar uma equipe para elaborar a proposta. Qual foi a discussão? Foi aí que, acompanhando as discussões, tive acesso às duas correntes sobre a estruturação da EF no mundo, que era o *Sportwissenschaft* na Alemanha e o que acontecia no movimento disciplinar da EF americana (resultou na criação da *Kinesiology*) a partir do discurso de Franklin Henry em 1964. Portanto, tive acesso a essa literatura, mais ou menos, em 1980. Eu leio, reflito e escrevo sobre essas questões desde essa época. Isto me ajudou muito, porque quando eu voltei para o Brasil voltei com uma ideia: “ah tá, Faculdade de EF? Ok. Departamento de EF? Ah tá; Laboratórios? Ah tá”. Eu tinha um mapeamento na minha cabeça. Se eu ia conseguir ou não discutir isso com as pessoas na EEFÉ-USP e colocá-lo em prática era outra história. Mas que tinha essa necessidade, tinha. Discutimos, por exemplo, o que é laboratório de Psicologia do Esporte dentro da EF: é EF ou não é EF? Quais laboratórios têm que ter? De Pedagogia? De Ensino? Pedagogia do quê? Do movimento? Do esporte?. Antropologia, Sociologia, tudo isso. Não sei se por coincidência, mas também aconteceu: o livro do Meinel e Schnabel “*Bewegungslehre*”, foi traduzido para o japonês sabe por quem? Pelo Professor Hagiwara juntamente com seu orientando de mestrado, aquele marxista grande amigo meu (Katsumi Watahiki). E vocês sabem que Meinel e Schnabel são da ex-Alemanha Oriental. É onde se originou o conceito de cultura física. Ontem a Professora Larissa falou da cultura física e tal. Eu li sobre isso, discuti sobre isso em 1900 e nada (risos)!

O Watahiki estudava a EF na ex-Alemanha Oriental. Então, foi assim a minha inserção nessa temática.

Juliano: *Entrando no segundo bloco da entrevista, quero lhe fazer a seguinte indagação Professor: em 2008, o senhor publicou um texto na Revista da Educação Física da UEMⁱⁱⁱ, que fazia um balanço sobre os 20 anos da Abordagem Desenvolvimentista e alguns dos potenciais mal-entendidos e críticas que esta perspectiva despertou entre determinados grupos de pesquisadores do campo da EF no Brasil. Somados mais dez anos a esse percurso da Abordagem Desenvolvimentista na estrutura acadêmica e profissional da EF, como o senhor analisaria esse quadro?*

Go: Não mudou nada nesses 10 anos. Não mudou nada por quê? Quando nós escrevemos sobre essa abordagem – a Abordagem Desenvolvimentista – não tinha nada a ver diretamente com o livro do David Gallahue. Muita gente associa. Aliás, quem introduziu a obra de Gallahue na literatura da EF brasileira fui eu (a primeira vez que o Gallahue é citado na EF brasileira – o livro dele é de 1982). Depois eu conheci o Gallahue pessoalmente; conversamos sobre isso e foi muito tranquilo e bacana. Ele chegou à biblioteca, viu o livro dele e falou: “oh, legal!” e ficou contente. A nossa Abordagem Desenvolvimentista vem da Teoria Geral de Sistemas, não vem do Desenvolvimento Motor. Foi vendo o Desenvolvimento Motor do ponto de vista da abordagem sistêmica que surgiu a Abordagem Desenvolvimentista. Só que não poderíamos escrever naquele livro sobre teoria ou paradigma de sistemas, ficaria muito teórico e além disso o livro foi escrito para Professores atuantes nas escolas para que eles pudessem aproveitar o seu conteúdo no cotidiano das aulas. Aquele livro não foi escrito para os acadêmicos da EF ficarem trinta anos discutindo sobre ele, especialmente para dizer que a obra não é marxista (e não é mesmo!). Convivi com o Professor Hagiwara, que era um dos expoentes da academia japonesa no que se refere ao marxismo e com o Watahiki durante 6 anos e meio. O Professor Hagiwara vinha para a Faculdade todos os dias de bicicleta, trazia sua “marmitinha”. Às cinco horas da tarde todo mundo tinha que parar de estudar, porque tinha que jogar tênis com ele. Depois que voltava do tênis começava a beber cerveja no laboratório. Eu não bebia nada, ele bebia que só. No dia seguinte, às oito horas da manhã lá estava ele. O velhinho era danado. Aprendi muito com eles, mas não a ponto de escrever um livro. Fugi um pouco do assunto, mas então a Abordagem Desenvolvimentista foi uma singela contribuição de um grupo de pessoas. Mas, por que aquele grupo? Porque, quando fui convidado para elaborar um projeto lá no MEC, do qual o livro deriva, convidei algumas pessoas, porque eu queria a participação daquelas quatro pessoas que estão lá. Mesmo porque o livro era também um pretexto para montar um grupo de estudos plural na EEFÉ-USP para começar a discutir sobre questões da EF. Tanto é que o Eduardo Kokubun não era da Aprendizagem Motora, era da Fisiologia do Exercício; o José Elias de Proença era da Psicologia; o Edison de Jesus Manoel sim era do Desenvolvimento Motor. Então, o primeiro ponto: nós não escrevemos o livro para que ele se transformasse num objeto de debate, embate, crítica, briga, etc. com outras abordagens. Nós, por adotarmos uma visão sistêmica, tínhamos a clareza de que estávamos apenas apresentando uma abordagem e que havia a necessidade de outras várias abordagens, para que em conjunto, lá na frente, tentássemos descobrir dentre todas as abordagens um núcleo em comum. Está escrito nas páginas iniciais do nosso livro isso, ou seja, nós tínhamos sempre uma visão plural sobre isso, não queríamos hegemonia de forma nenhuma. Nem passava pela nossa cabeça coisas desse tipo. Hegemonia

ⁱⁱⁱ Tani G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. Revista da Educação Física da UEM. 2008; 19(3): 313-331.

queria o Coletivo de Autores^{iv}, porque aproveitou-se de um momento político brasileiro exatamente para tentar lograr isso. E como nós éramos uma abordagem que incomodava, eles escolheram como a favorita para criticar, especialmente a mim pessoalmente. Então, por que a Abordagem Desenvolvimentista não muda? Porque há várias maneiras de se propor uma forma de desenvolver a EF escolar. Os pontos de partida podem ser vários. Tem gente que começa com as grandes teorias pedagógicas (Dewey, Pestalozzi, Rogers, etc.) e não há problema nenhum. Você mesmo falou do Professor Vitor Marinho (originalmente adotou a abordagem humanista *rogeriana*). Alguém que queira começar com a psicomotricidade, com Ajuriaguerra, Vayer, passando por Le Boulch e tantos outros. Então, nós estruturamos uma abordagem que parte do conhecimento sobre como as crianças aprendem habilidades motoras, do conhecimento de como é que as crianças se desenvolvem motoramente, afetivamente, cognitivamente? Quer dizer, conhecer a criança primeiro para, a partir daí, extrair alguns conhecimentos que possam ser usados para os Professores tomarem decisão sobre: para que ensinar?; o que ensinar?; como ensinar? É simplesmente isso. E por que não muda? Porque a nossa abordagem está ancorada nos conhecimentos sobre aprendizagem motora, sobre o desenvolvimento motor, em constante avanço por meio da pesquisa. Como esses conhecimentos estão em desenvolvimento, avançando, nós podemos a todo momento introduzir novos conhecimentos para atualizar a abordagem, haja vista, por exemplo, que os conhecimentos sobre desenvolvimento mudou muito nos últimos anos. Nós tínhamos uma visão subestimada do desenvolvimento infantil. As crianças pequenas são capazes de muitas coisas, muito mais do que se previa na década de 1980, tanto no domínio afetivo, emocional, cognitivo quanto motor.

Juliano: *Isso que o senhor está dizendo me leva a uma questão correlata. Como sabemos, alguns dos desafios a serem assumidos por uma abordagem pedagógica, que fosse capaz de equalizar ou mesmo amenizar o descompasso entre teoria e prática no campo da EF no Brasil, foram discutidos em seus artigos sobre o ponto de vista das áreas de Comportamento Motor e Aprendizagem Motora, o que foi motivo de crítica entre pares, uma vez que não existiria, segundo alguns desses autores, consenso a respeito do porquê colocar no centro de uma teoria pedagógica da EF as dimensões motoras e não as dimensões psicológicas, culturais, sociais e políticas do se-movimentar e assim por diante. O que o senhor pensa a respeito dessa crítica?*

Go: Há pessoas que fazem apologia do todo “descendo a lenha” nas partes. Isso pode ser feito com conhecimento e convicção, com fundamento epistemológico, mas pode ser uma maneira de fuga também, porque as palavras totalidade, holístico, etc. soam melhor para as pessoas. Parece que a pessoa é mais democrática, mais humana, quando defende que o importante é o todo. Só que quando você pergunta “o que é o todo?” começa a falar das partes. O que eu acho disso? Primeiro, no nosso livro nós colocamos desde o começo que esses domínios todos estão interligados. Não poderia ser diferente de acordo com a Abordagem Desenvolvimentista, uma abordagem sistêmica. Então o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo estão entrelaçados. Mas, quando você vai intervir você tem que ter claramente dois conceitos para balizar: o conceito de totalidade e o conceito de especificidade. Não é? Porque, se não houver o conceito de especificidade, você vai falar assim: “na Educação vai ser muito difícil aceitar o ensino por matéria, por disciplinas curriculares; nesse caso não deveria ter ensino de ciências, matemática, deveria ser um ensino só, holístico”. Vocês conhecem algum lugar no mundo que tenha feito isso? Não. Então, quando você fala da questão da totalidade e

^{iv} Trata-se do livro: Soares CL. *et al.* Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez; 1992.

da especificidade, a especificidade não significa exclusividade. Muito pelo contrário, a especificidade só tem sentido porque existe a totalidade. Agora, você traz essa discussão para a especificidade da EF. Se estou visualizando o comportamento motor humano como um comportamento sensório-motor ou perceptivo-motor, obviamente está incluído nisso a sensação, a percepção, a cognição, a tomada de decisão, etc. Muita gente que criticou a abordagem, viu o comportamento motor só como resultado da contração muscular, ou seja, o comportamento observável. Não se levou em consideração que aquele comportamento, um deslocamento do corpo ou partes do corpo no tempo e no espaço, nada mais é do que produto final de todo um processo interno que acontece no sistema nervoso central, onde o cognitivo e o afetivo tomam parte. Então, ao meu ver, aqueles que fizeram essa crítica é que tinham uma visão reducionista do movimento. Nós estávamos adotando a visão do movimento enquanto comportamento sensório-motor, ideo-motor, perceptivo-motor, não importa o conceito. Só recebemos críticas desse tipo por parte da abordagem histórico-crítica, do Coletivo de Autores. Eu até fiz um pouquinho de ironia nos 20 anos^v (risos), dizendo: “eu só tenho a agradecer, porque deram à Abordagem Desenvolvimentista uma visibilidade que a gente nunca esperava”.

Juliano: *Alguns estudos têm mostrado que a produção de conhecimento que advém com a sistematização de uma teoria pedagógica da EF em determinado contexto, apresentou relações mais fortes com posicionamentos políticos e uma relação menos forte com as realidades profissionais e pedagógicas dos diferentes espaços de intervenção dos graduados em EF. O senhor concorda com essa análise?*

Go: Foi o que falei ontem na minha intervenção na Pós-graduação^{vi}. Sim, a EF, pelo fato de buscar desesperadamente o *status* acadêmico, começou a fazer aquilo que dava *status* de uma forma mais rápida, mais eficiente. O que significa isso? Eu vou fazer pesquisa básica, com pano de fundo das Ciências Naturais, portanto, quantitativa, experimental, positivista, etc. Claro que esse tipo de pesquisa foge, cada vez mais, da realidade da intervenção profissional. As perguntas que são feitas nessas pesquisas básicas não são as perguntas que emergem e emanam da prática e da intervenção profissional. Só que dá *status*. Como se está na busca de *status*, essas questões não são privilegiadas, são esquecidas, negligenciadas e abre espaço para essa discussão vazia dos ideólogos, que não apresentam nenhuma proposta para resolver essa questão epistemológica, mas ficam falando da ciência holística, revolucionária, disso e daquilo. Quando convém critica o positivismo, mas a grande maioria não tem a mínima noção do que seja positivismo. Leu orelha de livro. Eu não vi na EF até agora, pessoas (vi algumas poucas, para não ser injusto) ou correntes da EF que, de fato, dissecassem o que é o positivismo e os seus efeitos na ciência e na EF. Não vi isso. Fazer isso com propriedade, com profundidade. Tem gente que descarta ícones da ciência mundial, da história da humanidade, como se fossem um nada. “Eu sou *vigotskyano* e jogo Piaget no lixo”. O que? Calma lá (risos). Isso é brincadeira! Vá conhecer a obra do Piaget para valer, primeiro. Alguém fala assim: “sou contra o Darwin”. Como dizem os portugueses, “estamos a brincar?”. Que arrogância é essa? Tem gente que fala: “sou contra o behaviorismo” sem saber de Watson, sequer de Skinner, e critica o behaviorismo achando que é o Pavlov fazendo o cachorro babar. Então, na EF se fazem críticas sem o domínio dos fundamentos. Estamos

^v Alusão ao texto: Tani G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. Revista da Educação Física da UEM. 2008; 19(3): 313-331.

^{vi} Referência à aula magna ministrada no dia 15 de março de 2018 no Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM-UEL com o título: “Pós-graduação em Educação Física no Brasil: dando tiro no próprio pé?”

brincando de ciência? Isso acaba sendo motivo de chacota quando visto pelos acadêmicos de outras áreas do conhecimento. Quando você vai para as pesquisas nas áreas humanas e sociais da EF, por exemplo, na Antropologia, eu pergunto: qual é o pesquisador da Antropologia da EF que tem inserção na Antropologia? Quem tem vez e voz lá? Agora, se você for na Fisiologia do Exercício, tem. Se você for na Cardiologia do Exercício, também tem, até na Biologia Molecular do Exercício tem, nas suas relações com as respectivas ciências-mãe.

Juliano: *No que tange a elaboração das abordagens pedagógicas da EF no Brasil, podemos dizer que todas elas, em que pese a maior ou menor capacidade de suas realizações na prática, estiveram preocupadas e foram movidas pelo desejo de mudança na profissão. O que essa pluralidade representa Professor?*

Go: Pluralidade é essencial. O que não pode é tentar transformar abordagens em diretrizes. Foi o que a abordagem histórico-crítica tentou. Abordagem significa uma maneira de você ver, de se aproximar das coisas; pressupõe-se que existem outras maneiras. Agora querer transformar uma determinada abordagem em diretrizes é problemático, porque, se é uma visão, como você vai transformar aquela visão em alguma coisa hegemônica, descartando todo resto? E esse descartar acontece segundo critérios nem sempre acadêmicos, mas ideológicos e político-partidários. Ideologia sociopolítica. Não é ideologia no sentido amplo da palavra. Como é que você vai melhorar seu paladar comendo farinha todo dia (só farinha) porque alguém falou que farinha é que traz felicidade humana? Para você melhorar o paladar você tem que comer coisa salgada, doce, etc. e vai elaborando-o, avaliando, comparando, fazendo relações. Quem sabe lá na frente você tem um paladar refinado, sofisticado. Com a EF escolar é a mesma coisa: é altamente desejável diferentes abordagens, só que não pode ficar nessa discussão estritamente acadêmica. Vai lá na escola, para ver se alguém está discutindo as abordagens? Estão nada. São os acadêmicos que estão discutindo para disputar poder, entende? A partir de 1990, eu comecei a dizer o seguinte (depois do artigo em que fiz a metáfora do Titanic): está na hora de a gente olhar mais para o núcleo comum, para as semelhanças do que para as diferenças. Mas para aquela abordagem que é baseada em “nós contra eles”, isso é algo extremamente improvável. Vejo nas diferentes abordagens um núcleo em comum, isto é, alguns elementos dos quais não se pode abrir mão.

Juliano: *Quais, por exemplo?*

Go: A cultura de movimento: esporte, jogo, exercício, ginástica, dança, etc. Não tem como fugir disso. Qual abordagem consegue abdicar disso? Só que tem uma questão: se eu quero dar aos nossos escolares acesso a essa parte importante do acervo cultural da humanidade que estou chamando de cultura de movimento, para que eles incorporem os valores, as atitudes, as habilidades, os conhecimentos, e fazer disso algo importante para as suas vidas, para a qualidade e o bem estar de suas vidas, a EF tem que proporcionar esse acesso via aquilo que lhe compete, pois nós temos várias instâncias na sociedade para dar esse acesso. Os clubes dão acesso, a igreja dá acesso, o quartel dá acesso, as organizações comunitárias dão acesso. Se a escola quer dar acesso, isto tem que se dar por via da escolarização. A criança não vai à escola para praticar esporte. Se é para isso, melhor ficar no clube, ter mais tempo, praticar a tarde toda. Acaba com a aula de EF. O acesso tem que ser via o quê? Via conhecimento elaborado, conhecimento sistematizado e acumulado historicamente. É através da aquisição desse saber elaborado acerca da cultura de movimento que a EF dá acesso a ela. Esse elemento (cultura de movimento) e o acesso a ele deve ser comum em todas as abordagens, não podemos abrir mão disso. Sem isso, como você vai falar de EF escolar? Mas,

o que acontece? As abordagens, sem exceção, não tiveram a característica de “roteiro completo” (como assim chamo), que vai desde a discussão de significados e objetivos, passando pelo conteúdo, método e avaliação. Foram até dadas algumas pitadas, mas proposta de “roteiro completo” não existe. Todas as abordagens ficaram devendo, inclusive a nossa. Quando escrevemos a Abordagem Desenvolvimentista estava no subtítulo “fundamentos”. Não é? Estava escrito fundamentos da Abordagem Desenvolvimentista. A nossa ideia era escrever uma trilogia. Nós íamos escrever os “fundamentos”, depois os “princípios” de ensino-aprendizagem e, finalmente, uma “proposta curricular” da abordagem. Temos esta dívida com relação a EF brasileira. Nós só fizemos um terço.

Juliano: *Porque o projeto foi interrompido? Ou está interrompido?*

Go: Está suspenso. Falta tempo (risos). Outras prioridades, infelizmente. Acha que dá tempo de você manter produtividade em pesquisa, grupo de estudo, ser diretor de Escola, representante de área na CAPES, no CNPq, etc? Não dá tempo (risos). É desculpa, eu sei. Quem sabe, ainda volto a atacar isso.

Juliano: *Do ponto de vista da organização epistemológica da área da EF no Brasil, podemos dizer que algumas propostas teóricas que emergiram a partir dos anos de 1980 foram social e cientificamente mais vitoriosas que outras. Na sua visão, de que maneira a Abordagem Desenvolvimentista se localizaria nesse cenário?*

GO: Eu discordo dessa pergunta. Eu não vejo nenhum vitorioso e nenhum derrotado. Todo mundo ficou pela metade, incompleto. A gente não pode dizer que uma coisa incompleta foi vitoriosa. Todas as abordagens têm dívida com a EF escolar brasileira.

Juliano: *Mas me refiro ao sentido de informarem e construírem a realidade da profissão...*

Go: Isso é outra coisa. Isso não tem nada com o sucesso da abordagem e sim com a inserção política que você tem nos diferentes governos, em diferentes circunstâncias históricas. Por melhor que fosse a abordagem, se não fosse marxista, por exemplo, não teria vez no governo petista. Da mesma forma, nenhuma abordagem marxista teria lugar num governo de direita. Onde está o problema? O problema está no Brasil (você tem governo e Estado e o Estado é fraquíssimo) O governo manipula o Estado ao seu bel-prazer. Num país onde o Estado é fraco, você não consegue montar projetos de médio e longo prazo em nada, nem na segurança, nem na educação, nem na saúde, nem em nada. Então, o que acontece? Como o Estado é fraco, fica muito subserviente, muito manipulável pelo governo e, portanto, não tem projeto de longo prazo. Aí, de repente, para elaborar qualquer projeto, acaba convidando quem? Os acadêmicos. Os acadêmicos ficam normalmente restritos a uma abordagem, via de regra a sua. Você já viu algum cientista holístico, capaz de ver tudo de todos os lugares? Quem faz isso? Como esses acadêmicos são convidados não para dar assistência ou consultoria, mas para elaborar o projeto, eles o fazem de acordo com a sua abordagem, não é isso? Se a pessoa tem vontade de excluir as demais abordagens, vai fazer um tipo de projeto. Existem pessoas que não querem excluir, mas têm umas preferências, querem fazer um meio de campo, muitas vezes até demagogia e acabam fazendo uma colcha de retalhos como foi o PCN. Então, o sucesso é só aparente. Eu não diria que é sucesso, mas contingência política simplesmente. Quem elaborou a última proposta? Toda gente sabe quem foi. A última, em São Paulo, para o Ensino Médio, fui consultado para elaborar, mas recusei. Eu não aceitei,

porque essa é a minha visão. A secretaria pediu para que eu indicasse algumas pessoas que pudessem elaborar. Sabe quem eu indiquei?

Juliano: *Quem?*

Go: Chuta.

Juliano: *Marcos Neira?*

Juliano: *Jocimar?*

Renata: *Carmen Lúcia?*

Go: Indiquei pessoas que criticam a abordagem desenvolvimentista desde sempre. Quando o projeto ficou pronto, a secretaria quis que alguns acadêmicos fizessem uma avaliação, uma apreciação, uma revisão. Sabe o que os colegas que indiquei disseram? “Todos, menos um”. Quem? O Go (risos). Quer dizer, o fato de eu indicar não quer dizer que sejam aceitos, mas eu os indiquei porque tinha referências sobre eles, porque eu sabia como eles estavam querendo ver a EF escolar naquela época. Só que eu esperava que essas pessoas tivessem maturidade para separar um projeto coletivo para o Estado e aquilo que academicamente perseguiam enquanto pesquisadores. São duas coisas distintas. A dimensão é outra. Essa não reciprocidade com relação a atitude profissional é uma coisa que eu sempre senti de muitos colegas na EF.

Juliano: *Professor, os desenvolvimentos mais recentes da teoria pedagógica da EF brasileira têm sido marcados por abordagens teóricas que atribuem certa primazia das dimensões culturais e críticas do se-movimentar sobre outras dimensões. Além disso, essa atitude de preocupação epistêmica tem ressoado mais eminentemente no universo da formação em Licenciatura, ao passo que no âmbito do Bacharelado em EF avanços importantes e interessantes para uma teoria pedagógica da área têm sido galgados no domínio da pedagogia do esporte ou, mais amplamente, na pedagogia do movimento humano. O que o senhor tem a dizer sobre essa movimentação sugerida?*

Go: É uma salada completa. As pessoas misturam tudo. Eu voltaria aos primeiros slides que mostrei hoje pela manhã^{vii}. As pessoas confundem EF como área de conhecimento, como curso de formação profissional, como campo de atuação profissional. Misturam tudo isso. Está tudo misturado. Primeiro, as teorias pedagógicas são de intervenção. Não dá no terreno da intervenção para escolher apenas uma parte da coisa. Não dá. No terreno da intervenção não dá para você falar: “vou apresentar uma proposta biológica ou vou apresentar uma proposta socioantropológica”. Porque intervenção é tudo isso, porque lida com seres humanos, intervindo na vida dessas pessoas. Academicamente sim, eu vou investigar aspectos fisiológicos, aspectos psicológicos, aspectos sociais. Mas a intervenção é tudo isso. Entende? Então, as pessoas propuseram uma abordagem, como você disse, com maior peso socioantropológico, certo? E a crítica que se fez para a sua proposição foi o biologismo, a EF biologista e portanto reducionista. Não foi? Ora, tanto a abordagem biologista quanto a socioantropologista, enquanto reducionismo, significa a mesma coisa. Como é que você vai

^{vii} Nova menção à palestra realizada no dia 16 de março de 2018 para os estudantes de graduação em EF da Universidade Estadual de Maringá.

eliminar da EF escolar, dos nossos escolares, da EF, a dimensão biológica? Como é que é possível não trabalhar com isso? Por outro lado, na EF dita biologista, quando você trabalha com movimento, com a capacidade da criança de se movimentar, esses movimentos são executados dentro de um contexto sociocultural, têm portanto significado sociocultural. Existem movimentos básicos que, independentemente do contexto chegam até um certo ponto. Você não precisa ensinar a andar, a correr. Um dia, a criança anda, um dia a criança corre. Mas, se esse andar e correr, quando inseridos no contexto do jogo, do exercício, da ginástica, da dança, etc., não se tornam culturais, o que é cultural? Aliás o conceito de cultura na EF brasileira também acho muito mal trabalhado. Quando convém usa-se o *strictly defined concept of culture*, mas quando não convém o *broadly defined*. E fica-se jogando com isso. Às vezes está falando no sentido estrito, outras vezes no sentido amplo. Não pode ser assim. Se usamos o conceito no sentido amplo, eu diria: tudo que acontece na face da terra, se há seres humanos envolvidos, é cultura. Nós somos os únicos seres que produzimos cultura, pelo menos de acordo com o que entendemos por cultura no sentido amplo. Agora, se você acha que cultura é algo delimitado, tentando, por exemplo, separar cultura popular da cultura erudita, cultura da classe dominante da cultura da classe dominada, cultura das minorias da cultura das majorias, então é preciso esclarecer primeiro os critérios para separar essas culturas todas. Precisamos ser mais honestos intelectualmente. Temos que ter coerência interna no uso de conceitos, senão a comunicação não se estabelece. Aliás, qual a diferença entre empreendimento científico e outros empreendimentos? É que na ciência usa-se conceitos bem definidos, só isso. Sem isso a gente não chega a lugar nenhum. É possível discutir-se coisas em que não se tem ainda uma definição conceitual. Mas, para isso você usa a definição operacional que viabiliza a comunicação e pronto. Essas coisas não têm nada a ver com abordagens. Tem a ver com a formação científica básica de cada um de nós. Eu não estou falando nenhuma novidade aqui.

Juliano: *Em um texto de 1996, publicado na Revista Motus Corporis^{viii}, o senhor aponta que a subárea responsável por investigar os aspectos socioculturais do se-movimentar seria mais incipiente em suas ações quando comparada a outras subáreas; e que isso poderia ter a ver com o fato da atividade científica cara à subárea sociocultural centrar-se mais na crítica das outras subáreas e menos na proposição de perspectivas para estudar os significantes sociais e culturais do movimento humano.*

Go: Não retiro uma vírgula dessa afirmação.

Juliano: *Passadas mais de duas décadas dessa argumentação, o senhor a mantém?*

Go: Continua tudo igual.

Juliano: *Por que?*

Go: Posso falar?

Juliano: *Pode.*

Go: Falta aos pesquisadores da área sociocultural, de uma forma geral, o rigor do método. Falam da abordagem teórica, das teorias de Norbert Elias, Pierre Bourdieu, etc. Tudo bem.

^{viii} Tani G. Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*. 1996; 3(2): 9-50.

Mas para avançar é preciso rigor do método. Pesquisa qualitativa, pesquisa histórica, etnográfica, estudo de caso, hermenêutica, etc. pressupõem rigor do método. Sem isto, as interpretações nada mais são do quê? Complete-se o resto. Essas pessoas, ao meu ver, desculpe a sinceridade, não tem o domínio do método para aplicá-lo com rigor. Não falta vontade de pesquisar. Essa vontade muita gente tem. Falta rigor do método. Eu não estou dizendo método único, rígido. Pesquisa qualitativa pressupõe rigor. Deu para entender? Claro que tem outras coisas que poderão estar influenciando. Mas o rigor do método, sabe o que é? É disciplina de pensamento antes de mais nada.

Juliano: *Em um contexto em que a atividade científica e a formação profissional nos mais diferentes ramos têm sido marcadas por uma dinâmica crescente de ultraespecialização e fragmentação do saber, quais os desafios necessários para imputar novos direcionamentos científicos à teoria pedagógica da Educação Física? Além disso, faria sentido, sob esse contexto fragmentado e, muitas vezes, desconexo do trabalho científico, pleitear uma teoria pedagógica da Educação Física com pretensões generalizantes? Ou seria o caso de celebrar as múltiplas Educações Físicas?*

Go: Não existe, no mundo moderno, lugar para o generalista eclético, o “pau para toda obra”. Esqueça. Só que o conceito “especialista” foi mal entendido, mal trabalhado em diferentes momentos da história e isso talvez esteja sendo feito atualmente na EF. Quem é o especialista hoje? É aquele que tem uma base de conhecimento sólida, abrangente e dentro disso uma especialidade. O especialista não é aquele que tem uma base estreita, desde lá de baixo até lá em cima, entendeu? Um espigão. Base sólida e em cima disso a especialidade. Não tem esse negócio de todo mundo faz tudo, o eclético. Não tem como. Existem certas especialidades em que essa base tem que ser maior ou menor, obviamente. Quando você vai lidar com seres humanos na educação, formação de pessoas na fase da vida em que as influências são mais sentidas, você tem que ampliar essa base. Então, o que falta na formação de Professor é isso. Antigamente, por exemplo, na Medicina, era só conhecimento biológico, “de cabo a rabo”. Hoje, todo mundo sabe que para ser um bom médico tem que entender da psicologia do paciente, tem que saber de que contexto social essa pessoa vem e várias outras coisas. Se isto está sendo colocado no currículo ou não é uma outra história, mas todo mundo sabe que isso é necessário. Aliás, em todas as áreas de intervenção ocorre o mesmo, visto que a intervenção é com seres humanos. Há a necessidade de conhecimentos gerais amplos e em cima disso conhecimentos específicos. Em temos de formação profissional em EF, alguém poderá dizer assim: “então essa base ampla é o núcleo comum e depois você pode ter a especialidade, para quem vai para reabilitação, *personal trainer*, EF escolar, treinamento esportivo, etc.”. E nessa base, os conhecimentos são biopsicossocioculturais, obviamente. Estruturaram uma abordagem para EF escolar socioantropológica “de cabo a rabo”, mas e o resto? As nossas crianças correm, suam, comem, dormem, gostam, desgostam, querem atividade em grupo, são egoístas, são tudo isso. Ou a gente quer fazer uma limpeza nisso e imaginar uma criança idealizada, que se encaixa nos seus preceitos, nas suas proposições de intervenção? Não. Ou nós entendemos as crianças como sistemas evolucionários ou a gente as categoriza de alguma forma determinística dizendo: “são assim”. Ou seja, isto resulta de uma maneira de você ver as coisas, ver o homem, o mundo, o universo, etc. Se você aceita que a coisa começou com o Big Bang e aceita o paradigma evolucionário, você tem uma visão das coisas muito diferente de pensar que as coisas caminham em direção a uma inevitabilidade histórica. Muitos dizem: “o conhecimento científico é provisório”. Calma com essa expressão também. Nem tudo é tão provisório assim. Existem coisas invariantes. Porque, se tudo fosse provisório, como seria o patrimônio cultural acumulado? Pode falar o que quiser, mas o sol nasce no leste e se põe no

oeste. Temos na ciência, na cultura enfim variantes e invariantes. No entanto, se você aceita os invariantes é rotulado de conservador. Não pode ser assim. Eu posso acusar do contrário: se não aceita invariantes é então arbitrário. É importante ter-se uma visão sistêmica. A vantagem da visão sistêmica é poder ver tudo em forma de componentes e interação entre eles, independentemente de do que são feitos os componentes. Se esses componentes são jogadores de um time de futebol ou se é um investidor da bolsa de valores ou se é um torcedor lá no campo de futebol, não importa. É possível vê-los como sistemas. E por ver as coisas dessa forma que você consegue começar a ver, por exemplo, os aspectos comuns, o núcleo comum, nas diferentes abordagens da EF escolar.

Juliano: *Diante do que o senhor está expondo, poderíamos dizer que a teoria pedagógica da EF está avançando ou ela está em estado de repouso?*

Go: Não vejo avanço. Nenhuma das abordagens está conseguindo alcançar o que tem que alcançar: a sala de aula. Está na academia. A discussão está na academia e não chegou ao Professor que tem 40 crianças à sua frente.

Juliano: *O que o senhor então sugeriria no esforço de imputar novos direcionamentos à teoria pedagógica, no sentido de equalizar essa tensão ainda latente entre, por um lado, o que se produz na torre de marfim acadêmica, que pensa o mundo dentro dos cercos da universidade e, por outro lado, os profissionais que se deparam com teorias produzidas à revelia da realidade e, muitas vezes, distantes de sua prática?*

Go: Volta àquela questão discutida ontem sobre Pós-graduação: se encaramos a EF como área de conhecimento de natureza acadêmica ou profissionalizante. Se entendermos como área profissionalizante a gente deve dar a devida atenção às pesquisas que fazem essa conexão, que vão buscar as respostas às perguntas da intervenção, que é o que interessa à sociedade. A sociedade não está querendo explicações, está querendo procedimentos. Não está querendo saber “o quê”, mas “o como”. Quais respostas estamos dando para essa demanda? Zero.

Juliano: *Muito se argumenta, sobretudo a partir de uma conversação com os debates teóricos levados a efeito no campo educacional, que a dinâmica científica e pedagógica que tem orientado o processo formativo em Educação Física tanto no domínio da Graduação quanto da Pós-graduação deveria se pautar na lógica da interdisciplinaridade ou ainda da transdisciplinaridade. A partir de sua exposição na aula magna de ontem realizada para o Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM-UEL, fica-se a sensação de que estamos avançando para essa etapa, sem antes termos resolvido os problemas de disciplinaridade da área. O que esse movimento representa e constitui?*

Go: Existem várias formas de você impressionar a galera, o público. Às vezes, para tentar mostrar consistência e coerência interna, utilizamos palavras bonitas. Parece que explicam tudo, mas não explicam nada. Muito pelo contrário, acrescentam entropia ao sistema. Na EF é uma salada completa, o uso dos conceitos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, disciplinaridade. As pessoas estão usando isso a bel-prazer, sem nenhum critério e, para dizer a verdade, sem nenhum domínio do que isso significa. Uma coisa é você discutir interdisciplinaridade no curso de preparação profissional. Claro que é interdisciplinar. No meu currículo, tenho conhecimento de anatomia, fisiologia, mas tem que ter de jogo, esporte, lutas, exercício, claro. Mas isso é preparação profissional. A formação do médico é interdisciplinar. A formação do engenheiro é interdisciplinar. Não dá para formar

um bom engenheiro sem um bom conhecimento de física, química matemática, além do conhecimento da engenharia. Isso é formação profissional. Agora, se vamos discutir identidade de uma área, a coisa muda. Como assim? Identidade é identidade (risos). Outra coisa é como que a sociedade lança mão das ciências para resolver seus problemas prementes. Por exemplo, hoje nós temos a febre amarela, um problema premente. Claro que a solução é multidisciplinar, porque eu preciso saber do comportamento do pernilongo. Mas não é só isso. Eu preciso saber qual é a reação do organismo de acordo com situação em que se encontra. E não é só isso. Eu preciso ver qual é o clima que permite maior disseminação. Eu preciso de biólogos, geneticistas, ambientalistas, da engenharia florestal, de zoólogos. Mas isso é solução para problemas prementes na sociedade. Claro que tem que ser interdisciplinar. Isto quer dizer que tanto na formação profissional quanto nas questões de resolver problemas prementes o empreendimento é inter ou multidisciplinar. Mas, a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade pressupõem disciplinaridade. Você só pode tocar a multidisciplinaridade porque existem as disciplinas. Você só pode falar de interdisciplinaridade porque existem disciplinas. Porque se não seria tudo intradisciplinaridade. Se eu vou atuar numa equipe multidisciplinar, a minha contribuição é a de alguém que tem uma disciplinaridade. A única coisa que eu tenho que ter é conhecimentos para além da minha disciplina, que me permitam interagir num contexto interdisciplinar. Só isso.

Juliano: *E nós da EF temos essa disciplinaridade?*

Go: Nada! Está uma confusão danada.

Juliano: *Então, estamos pensando mal enquanto estrutura acadêmica?*

Go: Sim. Nós não estamos pensando mal, não estamos pensando a estrutura acadêmica. Não chegamos nem a pensar mal, porque não sabemos nem o que é esta estrutura. O buraco é bem mais fundo. E não é uma coisa que se resolve com facilidade, porque não está enraizada no nosso fazer científico, no nosso pensar acadêmico refletir sobre essa questão. O nosso instrumental para o pensamento (Waddington) está todo embaratinado.

Juliano: *Uma penúltima questão que gostaria de lhe direcionar Professor, versa sobre o processo formativo que tem sido priorizado no âmbito da Pós-graduação em Educação Física no Brasil, em particular ao fato de que nessa estrutura, ao menos da forma como se apresenta na atualidade, parece haver uma sobreposição da formação para ciência em relação a formação para docência. O que o senhor pensa sobre isso? Quais seriam os possíveis encaminhamentos para uma “correção de rota”?*

Go: Parece que muita gente quando fala isso, tem em mente que a formação para a docência exclui a formação científica. Às vezes a gente separa o que não pode ser separado e não separa o que deve ser separado. Eu e mais a torcida corinthiana estamos muito preocupados com o que está se passando com o doutorado no Brasil. Eu acho que nós estamos distribuindo títulos a rodo, a granel. A pessoa faz um “experimentozinho” e já tem o título de doutor. Falta maturidade. O que é isso? Só se faz um experimento? Só se esse experimento ganhar o prêmio Nobel. Estou exagerando, é claro. Está muito fácil ser doutor em EF no Brasil. Como é que pode alguém se formar Doutor sem ter o conhecimento básico da História da Ciência, da Filosofia da Ciência? É a mesma coisa que alguém falar assim: “eu trabalho no supermercado, só que só entendo de peixe e só vendo peixe”. Se alguém perguntar onde se vende vassoura ele não sabe e nem sabe se supermercado vende vassoura. Como é que pode um negócio

desse? E se calhar nem de peixe ele entende. Entende só de sardinha. O peixe que está ao lado já não sabe. Está muito fácil ser doutor no Brasil. Não é à toa que abre concurso para contratação de docentes e todo mundo “toma pau” na primeira prova, a escrita. De perguntas básicas. Eu chamo a atenção dos meus orientandos a toda hora. Não pode ser assim. Tem que ter mais profundidade, mais dedicação, mais maturidade, melhor base acadêmico-científica, independentemente da EF. Nós estamos formando técnicos em pesquisa, competentes para escrever *papers*. Mas sabe o que é escrever *paper* hoje? Em algumas áreas, na introdução de um artigo se você colocar coisas sobre o pano de fundo teórico, isto é rejeitado e nem chega para os *reviewers*. O editor corta. A introdução dos artigos hoje é “pastelão”. É tudo igual, fala da mesma coisa de formas diferentes. E no finalzinho dela (introdução), escreve que vai fazer uma coisa que ainda não foi feito. Isso é artigo hoje. Então, para formar um técnico em pesquisa fica fácil. Se você tiver uma linha de pesquisa, que tenha uma certa produção, torna-se uma fábrica de diplomas. É a mesma coisa que esteira de montar carros. É isto que está acontecendo: formação técnica. Quando alguém recebe um Dr. (de Doutor) para pôr na frente do nome, isso pode ser algo importante para abrir portas, mas pode ser um castigo enorme para o resto da vida, uma pressão e uma cobrança insuportáveis. Por exemplo: você passa quatro anos no doutorado, em que a linha de pesquisa foi definida pelo orientador, que tem na cabeça vários problemas que ele queria investigar e deu um para você destrinchar. Você é treinado metodologicamente “lavando pipeta”. Nem procurou saber o que acontece ao seu lado. Escreveu um ou mais *papers* necessariamente com o nome do orientador. Forma-se doutor. Acontece uma felicidade qualquer e é contratado por uma faculdade. No dia seguinte à sua contratação, toma conhecimento de que essa faculdade está discutindo a reforma curricular. Você (com o Dr. na frente do nome), vai participar dessa reunião. Reforma curricular da graduação. Qual contribuição você vai dar? Você é contratado e no dia seguinte a faculdade está discutindo a redistribuição dos espaços dos laboratórios. Qual a contribuição que você vai dar, se você só enxerga um tipo de laboratório e não tem a mínima noção de como os outros podem funcionar? Você é contratado e no dia seguinte entra em discussão um projeto de extensão para ser desenvolvido em comum pelos docentes dessa faculdade. Qual a contribuição que você vai dar? De repente, duas semanas depois de contratado é convidado para uma banca de Pós-graduação em que a dissertação ou tese não é da sua linha de pesquisa, talvez de uma mesma área, da Fisiologia do Exercício, da Biomecânica, etc. Qual a contribuição que você vai dar, se você só entende aquilo que viu no laboratório em que conseguiu o Dr.? De repente, você vai ser designado para compor uma comissão de concurso para a contratação de Professor para um Departamento que não é o seu. Qual a sua contribuição? De repente, você é convidado por um Ministério, para participar de um painel de discussão sobre o futuro da EF. Você vai fazer o que lá? A reitoria da Universidade quer saber como é que está indo a relação entre pesquisa e extensão na sua faculdade e você vai representá-la na reunião. O que você vai falar para o reitor? Vai perguntar: “extensão, o que é isso?”. Na reunião se discute que a extensão está sendo muito academicista ou muito assistencialista. Que contribuição pode dar para essa discussão? Você pode ter uma formação técnica e se tornar muito competente nisso. Não estou dizendo que isso não é importante. É insuficiente. A carreira acadêmica é complexa, multifacetada, pluralística em termos de demandas, temáticas, etc. Eu acho que aí entra aquela questão: o que é ser um docente universitário nos dias de hoje? Claro que nós temos que fazer pesquisa. Aliás, no Brasil, pesquisa se faz basicamente na Universidade. Isso é uma função precípua nossa. Não se nega isso. E a preparação para administração então? Por exemplo, liderar o colegiado acadêmico. A pessoa (com Dr. na frente do nome) é contratada e no dia seguinte é nomeada para fazer parte da comissão de graduação da unidade. Primeira reunião e os alunos aparecem com um monte de demandas. O aluno vai chegar e falar assim: “Professor, estamos com o “saco cheio” de ter

disciplinas da área biológica nos semestres iniciais. A gente só tem as socioculturais lá no fim e isso não está legal”. O que esse Doutor vai falar? Algum aluno vai dizer: “Professor, esse nosso curso está muito teórico, nós queremos mais disciplinas de síntese de conhecimentos”. O que esse Doutor vai falar? Síntese de conhecimentos, se ele só fez o contrário, a análise?

Juliano: *Nos encaminhando para o término da entrevista, desejaria que o senhor comentasse sobre o lugar que uma discussão epistemológica mais ampla poderia ocupar no âmbito da Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física no Brasil, em especial no sentido de proporcionar uma lógica de formação para os pós-graduandos a partir de uma perspectiva teórica menos analítica e mais afeita à dimensão da síntese.*

Go: A gente tem que fazer sempre as duas coisas: análise e síntese. Não vai querer você que, na pesquisa em Bioquímica do Exercício, alguém fique fazendo síntese. Vai fazer análise. Só que se você quer discutir a importância do conhecimento da Bioquímica do Exercício na formação e atuação do Professor de EF, para atuar na escola, na academia, etc., lógico que você vai ter que fazer um exercício de síntese. A gente sempre trabalha dicotomicamente. Esse é o problema. Se não é uma coisa é outra, entende? O que a visão sistêmica propõe é exatamente o contrário. Depende também de que domínio de atividades estamos falando. Se é do universo de investigação de um tema específico, da discussão do futuro da EF como área de conhecimento, como curso de preparação profissional, etc. Precisamos dar uma limpada, uma organizada geral nisso tudo. E a epistemologia ajuda exatamente nisso.

Juliano: *Por fim Professor, se fôssemos sintetizar seu percurso no campo acadêmico, com base não só no que ouvimos na entrevista, mas também a partir da retomada de sua obra e daquilo que tem escrito, seria correto dizer que o senhor reuniu esforços para proposição de uma EF cientificamente orientada em todas as suas instâncias?*

GO: Sim, entendendo a ciência no sentido plural.

Juliano: *Agradeço imensamente sua disponibilidade Go. Foi um prazer entrevistá-lo e tê-lo conosco. Agradeço também a equipe de trabalho que aqui esteve presente.*

Recebido em 19/04/18.

Aceito em 09/05/18.

Endereço para correspondência: Juliano de Souza. Avenida Colombo, 5790, Departamento de Educação Física (DEF-UEM), Jardim Universitário, Maringá, PR, CEP 87020-900. E-mail: julianoedf@yahoo.com.br